

MARX E KEYNES: SOBRE DINHEIRO E ECONOMIA MONETÁRIA

Gentil Corazza*

1 Introdução

O objetivo deste texto é discutir alguns conceitos relevantes da teoria monetária e financeira na ótica da economia política, partindo de uma análise crítica de dois textos de Germer (1996, 1997) e do sugestivo texto de Caffé (1997, apresentados nos Encontros da Sociedade Brasileira de Economia Política. Nossa crítica aos textos de Germer se concentra em três pontos centrais: primeiro, a questão da essência imaterial do dinheiro em Marx, onde pretendemos acentuar a visão de que, para Marx, o dinheiro é pura forma imaterial do valor. Segundo, a idéia de que o conceito de economia monetária de Keynes é compatível com a visão monetária da economia capitalista de Marx e fundamental para a compreensão dos fenômenos monetários e financeiros atuais, podendo constituir o ponto de partida de um programa de pesquisa conjunto entre marxistas e pós-keynesianos. Em terceiro lugar, procuramos acentuar que, para Marx, o capitalismo é uma economia essencialmente monetária, no sentido do conceito de Keynes. Por último, a profícua associação que Caffé faz entre o conceito de capital fictício de Marx e os derivativos no contexto das finanças globalizadas do capitalismo atual indica a direção correta para o desenvolvimento de futuras pesquisas.

Após esta introdução, o texto se estrutura a partir da abordagem dos seguintes pontos: o item 2 procura resgatar a natureza formal e imaterial do dinheiro em Marx; no terceiro tópico, discutimos o conceito de economia monetária de Keynes, procurando mostrar tanto sua compatibilidade com o pensamento de Marx, quanto sua insuficiência, por não estar articulado com uma teoria do valor e do capital; no item 4, defendemos que, na visão de Marx, a economia capitalista é uma economia essencialmente monetária, no sentido definido por Keynes. Por último, concluimos o texto sinalizando a necessidade de explicitar as relações entre os conceitos de dinheiro, dinheiro de crédito e de capital fictício, no contexto de uma economia capitalista essencialmente monetária.

2 O dinheiro como pura forma imaterial do valor

Uma leitura da extensa análise desenvolvida por Marx, tanto em *O Capital*, como nos *Grundrisse*, deixa claro que o dinheiro é, antes de tudo, um conceito ou uma categoria, cuja essência é ser forma do valor, entendido como “forma de existência, determinação de existência” e de manifestação do valor. Dinheiro é o próprio valor existindo fora das mercadorias. No entanto, do mesmo modo que o valor, por ser algo social, trabalho abstrato, não pode existir, concretamente, a não ser no corpo natural e material das mercadorias, também o dinheiro, como forma autônoma e independente de existir do mesmo valor, deve materializar-se num corpo material. Quando Marx deduz a gênese da forma dinheiro, a partir de uma simples relação de troca de duas mercadorias (20 varas de linho = 1 casaco) fica claro que o casaco é a forma dinheiro que expressa o valor do linho. A essência definidora da natureza do dinheiro não é a materialidade do casaco, mas sua capacidade de expressar (materialmente) o valor do linho, ou seja, ser forma de existência do valor do linho. O que define o dinheiro não é a materialidade do casaco,

* Professor Adjunto do Departamento de Economia da UFRGS.

mas o fato de esta materialidade transportar a imaterialidade do valor. Está claro, também, que, para Marx, o dinheiro mercadoria não encarna a forma dinheiro enquanto tal, mas representa apenas uma de suas formas históricas, ou civilizadas do dinheiro, como afirma ele em muitas passagens de sua obra¹.

Para Marx, o processo de gênese do dinheiro é um processo de gênese de formas do valor, a forma simples, a relativa, a equivalente e a forma geral, até a forma dinheiro. Trata-se de encontrar a forma mais adequada de existência do valor. Na mercadoria, ele se encontra disfarçado de valor de uso particular, o que não combina com sua natureza social abstrata. Antes de falar que o dinheiro é a mercadoria geral, Marx o define como a “forma dinheiro” do valor. (Marx, 1983, p. 69). O que deve ficar claro é que a forma dinheiro do valor, por ser pura forma, deve ser carregada por um corpo material, não importa qual dos seus exemplos históricos, como o sal, gado, tabaco, ouro, ou um dos seus signos modernos, bilhete de papel, lançamento contábil ou um simples impulso eletrônico. Note-se que, mesmo quando havia conversibilidade entre os signos do dinheiro e o dinheiro-mercadoria, especialmente o ouro, eles eram signos da forma dinheiro corporificada no ouro e não da mercadoria ouro. Historicamente, foi a mercadoria ouro que desempenhou essa função. Apesar de o ouro já sair das minas como materialização do dinheiro, mesmo assim, ele é um fetiche, que contém um enigma. “O enigma do fetiche do dinheiro é, portanto, apenas o enigma do fetiche da mercadoria, tornado visível e ofuscante” (Marx, 1983, p. 85). O que quer dizer isto? Simplesmente que o ouro, enquanto dinheiro-mercadoria, esconde duas coisas: a forma dinheiro do valor e a mercadoria ouro. É lógico e natural que a primeira forma dinheiro do valor tenha sido uma mercadoria, pois a gênese da forma dinheiro feita por Marx, provém do confronto de duas mercadorias: “20 varas de linho = 1 casaco”. Não é, porém, o valor do casaco que serve de forma de manifestação do valor do linho, mas o valor de uso, a pele natural do casaco que serve de forma do valor de troca social e abstrato do linho.

O suceder de formas de manifestação do valor das mercadorias vai sempre na direção de uma libertação da materialidade, na direção de formas cada vez mais independentes, autônomas e livres da materialidade, que aprisionam o valor imaterial, como uma camisa de força, um limite, uma barreira à natureza social, abstrata e expansiva do valor. Em muitas passagens, Marx acentua este aspecto:

“O valor de troca da mercadoria constitui sua qualidade monetária imanente; e esta qualidade monetária se separa como dinheiro, cobra existência social como um modo de existência geral, separado e autônomo de todas as mercadorias específicas e de seu modo de existência em especial.” (Marx, 1985, p. 52). [Ou seja] “enquanto valor, a mercadoria é dinheiro” (Marx, 1985, p. 47). “No transcurso do desenvolvimento, pode o valor de troca do dinheiro cobrar uma existência separada de sua matéria, de sua substância, como ocorre com o papel-dinheiro, sem suprimir com isso o privilégio de esta mercadoria especial, já que a existência específica (sua) tem que continuar recebendo sua determinação como mercadoria especial”. (Marx, 1985, p. 69).

Paulani (1991) também deixa muito claro esses aspectos do dinheiro, ao considerá-lo “como a encarnação material do valor ... autonomizado, que suprimiu o valor de uso enquanto seu suporte material” (Paulani, 1991, p. 137). E neste sentido, “o dinheiro ... só é dinheiro porque não é mercadoria” (Paulani, 1991, p. 42), pois é o gênero das mercadorias, o universal concreto, a mercadoria geral ou universal, a generalidade posta, que, ao se pôr, se nega no particular. “Por isso, o dinheiro é essencialmente forma, porque é forma autonomizada do valor, é a forma que o valor encontra para se libertar, em sua apresentação, da corporeidade diferenciada das mercadorias, ... guardando delas apenas sua realidade fenomênica. Daí que, no que tange ao dinheiro, pouco importa qual o

¹ “formas civilizadas do dinheiro - o dinheiro metálico, o papel-moeda, o dinheiro creditício”. (Marx, 1985, p. 32).

corpo material que carrega essa forma, se ouro ou bilhete de papel, desde que ele continue sendo percebido como a mercadoria por excelência, aquela que legitimamente representa todas as demais: sua aparência de mercadoria dissimula, assim, sua essência formal". (Paulani, 1991, p. 144). O dinheiro "mostra-se, portanto, como a contradição de não ser, em sua essência mercadoria alguma, por ser apenas forma ... do valor - a sua matéria é pura forma". (Paulani, 1991, p. 162).

Marx deixa claro que "o valor de troca forma a substância do dinheiro" (1985, p. 114) e, por isso, na sua essência, o dinheiro não tem nada de material. Conclui-se, de todas estas passagens, que, em qualquer forma em que se apresente, a essência do dinheiro é sempre "o valor enquanto tal" (Marx, 1985b, p. 23), o qual pode ser carregado tanto por uma "mercadoria-dinheiro, quanto por um "papel-dinheiro", ou por qualquer outra forma real ou imaginária, como acontece no capitalismo atual.

Por isso, insistir, como faz Germer (1996, 1997), na materialidade do dinheiro, além de não expressar a verdadeira concepção de Marx, só contribui para o abandono da teoria monetária de Marx, na medida em que o dinheiro-mercadoria, uma das formas históricas do dinheiro, mas não o dinheiro enquanto tal, mostra-se inadequado para explicar a natureza dos fenômenos monetários e financeiros do capitalismo atual. Insistindo na essência material do dinheiro, Germer, citando Marx², afirma que:

"Deve-se notar que, uma vez definido o dinheiro como uma mercadoria especial, convertida em equivalente geral de valor, é incorreto dizer que a teoria de Marx é uma teoria do 'dinheiro-mercadoria', pois o termo 'dinheiro' já o define como uma mercadoria, e por outro lado, na teoria de Marx, não há dinheiro imaterial, apenas formas derivadas do dinheiro, para exercerem algumas das suas funções, como por exemplo o dinheiro de crédito". (1997, p. 109, nota 3).

Parece contraditório afirmar, ao mesmo tempo, que, para Marx, não há dinheiro imaterial e que, para Marx, o termo dinheiro já o define como mercadoria e ainda que sua teoria não é uma teoria do dinheiro mercadoria. Efetivamente, quando Marx afirma que dinheiro é mercadoria, está se referindo à primeira forma de manifestação do valor, que surge do confronto de duas mercadorias; uma delas funciona como equivalente do valor da outra. Mas funciona como equivalente não pelo fato de ser mercadoria e, sim, pelo seu valor de uso, de sua materialidade natural. Várias vezes Marx acentua este aspecto: "A primeira particularidade que chama a atenção quando se observa a forma equivalente é esta: o valor de uso torna-se forma de manifestação de seu contrário, o valor. (...) É, portanto, uma segunda peculiaridade da forma equivalente que trabalho concreto se converta na forma de manifestação de seu contrário, trabalho humano abstrato". (Marx, 1983, p. 59-61). Uma coisa não é dinheiro por ser valor, ou por ser mercadoria, mas sim porque expressa o valor de todas as outras mercadorias. Ser dinheiro é, antes de tudo, uma função de "servir de forma de manifestação do valor das mercadorias, ou de material, no qual as grandezas de valor das mercadorias se expressam socialmente". (Marx, 1983, p. 83). Marx critica o erro de considerar o dinheiro como mero signo do valor, pois ele é muito mais que signo, uma vez que é o próprio valor, existindo fora da mercadoria. O dinheiro, sendo uma pura forma de valor, não necessita ter valor próprio; o dinheiro-mercadoria possuía valor intrínseco, porque era também uma mercadoria, mas o dinheiro-mercadoria não é o dinheiro enquanto tal, mas apenas uma espécie particular e histórica assumida pela forma dinheiro. Quando Marx fala que dinheiro é mercadoria, sempre acrescenta o termo "específica", "geral", "universal", "imperecível", "absoluta", querendo acentuar, não seu caráter material, mas sua função

² "o ouro é o modo de ser material da riqueza abstrata", "o dinheiro é o meio material no qual os valores de troca são submergidos", "a mercadoria que funciona como medida do valor e também, corporalmente ou por intermédio de representantes, como meio de circulação, é dinheiro"

de ser forma do valor. Nos Grundrisse podemos encontrar muitas passagens em que este caráter imaterial do dinheiro é acentuado³.

Desta forma, fica difícil entender a afirmação de Germer, de que o ouro, não só foi, mas continua sendo a “mercadoria-dinheiro” do capitalismo atual, sem admitir que isto implica afirmar que a teoria monetária de Marx é uma teoria do dinheiro-mercadoria. Não se pode esquecer que foi só após ter analisado todo o processo de gênese e desenvolvimento da forma dinheiro do valor e de ter descrito como a mercadoria ouro havia assumido esse papel, que Marx afirma: “A fim de simplificar, pressuponho sempre neste escrito o ouro como a mercadoria monetária”. (Marx, 1983, p. 87). Por isso, concluir daí, como fazem muitos autores, que, para Marx, dinheiro é ouro, o equivalente geral das mercadorias, é uma simplificação ilegítima que, além de não corresponder à complexa análise da gênese e desenvolvimento das formas do valor feita por Marx, significa torná-la inadequada para explicar a realidade atual das questões monetárias e financeiras. O motivo principal da insistência de Germer em afirmar a materialidade do dinheiro em Marx é sua função de medida do valor, pois entende ele que “algo que não possui valor seria capaz de medir valores”, porque isto seria “o mesmo que admitir que um objeto que não possui peso possa servir como padrão de medida do peso” E conclui:

“Disto se deduz que a suposição de que os valores das mercadorias possam ser medidos sem referência a trabalho abstrato como padrão, implicaria admitir que os valores das mercadorias não são determinados pelo seu conteúdo em trabalho abstrato”. (Germer, 1997, p. 122).

Avaliamos que tais suposições sejam infundadas, pois, para Marx, o valor das mercadorias se mede como preço, ou seja, o preço é a expressão monetária do valor. Supor o contrário, implicaria em admitir a possibilidade de se medir a quantidade de valores enquanto tais, criados pelo trabalho. São muitas as passagens em que Marx acentua que o dinheiro é medida do valor, enquanto preço: “O preço é este valor de troca expresso em dinheiro. (...) e o tempo de trabalho, enquanto medida de valor, só existe idealmente. A proporção de valor entre a e b se expressa pela proporção em que ambas se trocam pela quantidade de uma terceira mercadoria, por prata; não por uma relação de valor”. (Marx, 1985, p. 43-46). Parece claro que a função “medida dos valores” não é desempenhada pelo valor intrínseco do dinheiro, mas pelo seu suporte material, como acentua ainda Marx: “Considerada como medida, a substância material do dinheiro é essencial... ainda que... só se use como unidade imaginária e não como unidade existente” (Marx, 1985:) E o que é a “substância material do dinheiro”? O seu valor intrínseco, enquanto mercadoria? Evidentemente que não, pois a substância material é o valor de uso e não o valor. Isto fica ainda mais claro em outras tantas passa-

³ O dinheiro é “o valor enquanto tal” (Marx, 1985b, p. 23). “A natureza do dinheiro, enquanto encarnado em uma mercadoria específica, entra aqui em conflito com sua função como valor de troca substantivado” (Marx, 1985b, p. 397). Marx fala dos metais preciosos o ouro e prata, como “a matéria do dinheiro” “enquanto existência concreta do dinheiro” e não como o dinheiro em si, pois este é valor. “O dinheiro é a mercadoria geral, pelo mero fato de ser a forma geral que toda mercadoria adota idealmente ou de um modo real” (Marx, 1985b, p. 397). Citando o comerciante londrino Misselden na sua obra *Free Trade*, de 1622. “O dinheiro, como a riqueza puramente abstrata - na qual se extingue todo valor de uso específico...” (Marx, 1985b, p. 413). “Na mercadoria, o material tem um preço; no dinheiro, o valor de troca tem um material” (Marx, 1985b, p. 436). “A substantividade do dinheiro frente à circulação é mera aparência. Portanto, o dinheiro, para poder ser plenamente valor de troca, tem que negar-se a si mesmo” (Marx, 1985b, p. 437). “o valor de troca existe de dois modos, como mercadoria e como dinheiro”; (Marx, 1985b, p. 447).

gens, que transcrevemos na forma de nota, para não tornar tão repetitivo nosso texto⁴.

Portanto, para ser medida dos valores, o dinheiro não precisa ter valor intrínseco como mercadoria e, mesmo assim continua sendo a encarnação social do trabalho humano. Isto não nega que a medida do valor seja o tempo social de trabalho. Marx deixa claro que não é através do dinheiro que elas são comensuráveis umas em relação às outras. Sua comensurabilidade decorre de serem produto do trabalho, portanto valores. O dinheiro, como medida, se apresenta como uma simples quantidade de determinada matéria e não como valor de troca, uma libra ouro, por exemplo. Chama à atenção o fato de Marx iniciar a análise do dinheiro como medida, dizendo que, para simplificar, passa a supor que dinheiro é ouro, ou seja, que a função do dinheiro de medir valores está associada à existência da mercadoria dinheiro. À medida que o dinheiro deixa de ser dinheiro mercadoria, esta função de medir se torna apenas uma medida ideal de valores. Como medida dos valores, o dinheiro apenas serve como dinheiro ideal ou figurado. O dinheiro papel perde completamente esta referência material de medida de valor.

3 A economia monetária de Keynes

Embora o conceito de dinheiro e de economia capitalista de Marx não se esgotem no conceito de economia monetária de Keynes, pois que o envolvem e o ultrapassam, defendemos que Marx não teria objeção ao conceito de economia monetária de Keynes, a não ser por insuficiência. Não se trata de elaborar uma síntese teórica entre Marx e Keynes, pois suas concepções gerais do capitalismo são diferentes, mas tão somente de mostrar que não há incompatibilidade teórica do conceito de “economia monetária” de Keynes com a concepção monetária da economia capitalista de Marx. Isto porque o sentido que Keynes atribui ao conceito de economia monetária possui sua fonte no próprio Marx. Como veremos adiante, para Marx também a economia capitalista é uma economia essencialmente monetária, no sentido do conceito de Keynes. Nosso objetivo aqui é tão somente resgatar a importância do conceito de economia monetária de Keynes, pois ele pode realçar um aspecto da própria teoria monetária de Marx, aspecto este desconsiderado pelos próprios intérpretes marxistas de Marx.

Em direção oposta ao nosso objetivo, Germer se propõe “demonstrar a improcedência da suposição de que os conceitos de ‘economia monetária’ de Keynes e ‘economia capitalista’ de Marx possam ser equiparados” ou seja, procura ele “demonstrar que, no sistema teórico de Marx, o conceito de ‘economia capitalista’ é explicitamente distinto e irreduzível ao conceito de ‘economia monetária’ de Keynes”. (Germer, 1996, p. 20).

⁴“Agora bem, na relação em que o dinheiro aparece como medida, não aparece ele mesmo como uma relação, como valor de troca, mas como quantidade natural de uma certa matéria, como a porção natural de peso do ouro ou de prata que tem um certo peso. Em geral, a mercadoria em que se expressa o valor de troca de outra não se expressa nunca como valor de troca, como relação, mas como uma determinada quantidade em sua qualidade natural. (...) E o mesmo ocorre com o dinheiro enquanto medida, como a unidade em que se medem os valores de troca das outras mercadorias. Se trata de um determinado peso da substância natural em que se manifesta; ouro, prata,, etc. (...) No valor de troca as mercadorias são postuladas (produtos) enquanto relações com respeito a sua substância social, o trabalho; mas, como preços se expressam em quantidades de outros produtos com relação a sua qualidade natural. (...) Tão logo o dinheiro aparece como a matéria em que se expressa, se mede o preço de todas as mercadorias, o dinheiro mesmo se apresenta como uma determinada quantidade de ouro ou prata, etc, num palavra, de sua matéria natural (grifo original). Como simples quantidade de uma determinada matéria e não de per si como valor de troca, como relação. (...) O dinheiro, como medida, como elemento da determinação do preço, como unidade de medida dos valores de troca, oferece, pois, o fenômeno de que só é necessário como unidade imaginária...” (Marx, 1985, p. 103, 104, 105).

Em primeiro lugar, procede afirmar que os dois conceitos não são idênticos e que o conceito de economia capitalista de Marx é irreduzível ao conceito de economia monetária de Keynes, pois o conceito de 'economia capitalista' de Marx é mais amplo e complexo do que o de 'economia monetária' de Keynes, na medida em que implica um conceito de valor, de mais-valia e de capital diferentes dos de Keynes. No entanto, isto não implica em negar que o conceito de economia monetária de Keynes não possa ser assimilado no sistema teórico de Marx, pois certamente não é incompatível com o conceito de dinheiro e de economia capitalista de Marx, dado que é um conceito menos abrangente que o conceito de Marx e não possui nada que o contrarie. Sua importância reside em que realça uma dimensão importante, já presente e, aliás, herdada da própria visão de Marx.

Vejamos o que entende Keynes por economia monetária. Keynes não desenvolveu de forma sistemática o conceito de economia monetária, mas em diversas passagens de sua obra, especialmente nos rascunhos de sua Teoria Geral. Não define a economia monetária, pela simples presença da moeda, entendida como um ativo de características especiais, mas pelo seu objetivo, pela sua finalidade, que coloca "o dinheiro como fim de si mesmo". O dinheiro, não apenas interfere na produção, mas constitui seu objetivo. A finalidade da produção é aumentar o poder de comando monetário sobre a riqueza social. Nas palavras de Keynes: "A firma lida o tempo todo com somas de dinheiro. Ela não tem qualquer objetivo no mundo senão terminar com mais dinheiro do que começou. Esta é a característica de uma economia empresarial". (CWJMK, v. XXIX, p. 89). Keynes vale-se de Marx, para diferenciar uma economia monetária ou empresarial, duma economia cooperativa. Diz Keynes, referindo-se a Marx:

"Ele mostrava que a natureza da produção no mundo presente não é, como os economistas parecem supor, um caso M-D-M', isto é, de troca de mercadoria (ou esforço) por dinheiro, a fim de obter outra mercadoria (ou esforço). Tal pode ser o ponto de vista do consumidor privado, mas não é a atitude que marca os negócios, que é um caso de D-M-D', isto é, de abrir mão de dinheiro para se obter mercadoria (ou esforço), a fim de se obter mais dinheiro. ... um empresário está interessado não na quantidade de bens, mas no volume de dinheiro que deverá caber-lhe. Este empresário aumentará sua produção caso, com isto, espere aumentar seu lucro monetário (grifos meus), embora seu lucro possa representar menos quantidade de produto que antes". (Keynes, CWJMK, v. XXIX, p. 81-82).

Vemos, assim, que, para Keynes, o objetivo de uma economia monetária não é produzir para atender necessidades de consumo, nem tampouco apenas produzir mercadorias, mas sim sua conversão em dinheiro, forma necessária, abstrata e universal de riqueza. A produção só se completa quando o valor do produto se converte em dinheiro. Em outras palavras, nossa economia é uma economia monetária, não porque nela existe dinheiro, mas porque seu objetivo é a valorização da riqueza na sua forma monetária.

Embora Keynes não tenha elaborado um conceito de dinheiro, articulado com uma teoria do valor e do capital, é inegável que, para ele, o dinheiro ocupa uma posição central na sua teoria econômica e na sua maneira de ver o funcionamento da economia. Para ele, o dinheiro não era apenas uma forma alternativa de manter riqueza, mas sim o objetivo da própria atividade econômica: transformar uma determinada quantia de dinheiro em mais dinheiro. Ou seja, em sua economia monetária, o dinheiro não é um simples meio de troca, unidade e reserva de valor, mas, sem dúvida, uma forma de capital. Transformar o capital-dinheiro em mais dinheiro é o objetivo da atividade empresarial e a natureza de sua economia monetária. O dinheiro e as questões monetárias tanto foram a preocupação central de Keynes, que intituam suas principais obras. No entanto, como acentua Dillard (1954, p. 282), uma debilidade da teoria monetária de Keynes é a falta de uma teoria do capital. Autores pós-keynesianos, como Carvalho (1986) sugerem aproximar Keynes de Marx em relação a aspectos monetários e financeiros de suas teorias, o que certamente pode ser muito profícuo para o entendimento das

questões monetárias e financeiras atuais. Em Marx, há uma teoria da gênese do dinheiro e sua articulação com uma teoria do valor e do capital, o que certamente não é o caso de Keynes. No entanto, e apesar disso, ao contrário do que sugere Germer, devemos reconhecer o mérito de Keynes ter resgatado e realçado na teoria de Marx, a dimensão essencialmente monetária da economia capitalista, coisa que muitos marxistas não conseguiram ver ou pretenderam ignorar. Pretender explicitar esse aspecto da concepção de Marx, não significa associar Marx a Keynes, mas, ao contrário, se valer de Keynes para entender o próprio Marx.

4 A economia monetária de Marx

Neste item, pretendemos mostrar que, para Marx, a economia capitalista é uma economia essencialmente monetária, no sentido utilizado por Keynes, ou seja, uma economia, cuja finalidade não é produzir valores de uso, nem apenas mercadorias, mas produzir e valorizar o valor, ou acumular capital na sua forma monetária. O objetivo não é apenas a produção pela produção, nem a riqueza pela riqueza, mas acumular riqueza na sua forma mais geral e abstrata, ou seja, na sua forma dinheiro. O dinheiro, para Marx, além de forma necessária e sempre recorrente de existência do valor, é também forma privilegiada de existência do capital e, como tal se torna o objetivo, início e fim de toda atividade econômica.

Contrariando esta perspectiva teórica, Germer é enfático em afirmar que:

“Não há na teoria de Marx uma categoria equivalente à de ‘economia monetária’, no sentido utilizado por Keynes, isto é, designando a economia capitalista. No caso de Marx, a noção de ‘economia monetária’ poderia ser associada apenas à economia baseada na circulação simples, à qual Marx também se referiu como ‘sistema monetário’, pois é nesta fase da economia mercantil que o dinheiro está presente como a forma mais desenvolvida do valor. (...) ... atribuir a Marx a caracterização do capitalismo como um ‘economia monetária’ é conceitualmente incorreto”. (Germer, 1996, p. 31).

Há, sem dúvida, muitas e inequívocas passagens em que Marx afirma o caráter monetário da economia capitalista. Efetivamente, para ele, a economia capitalista é uma economia do tipo D-M-D, onde, “mercadoria e dinheiro funcionam apenas como modos diferentes de existência do valor” e do capital, os quais, no entanto, só encontram sua forma própria de existência no dinheiro. “Ele constitui, por isso, o ponto de partida e o ponto final de todo o processo de valorização”. (Marx, 1983, p. 130). O dinheiro, como forma privilegiada do capital, não se coloca contra a mercadoria, como na circulação, mas como a realização plena do próprio valor da mercadoria. Ou seja, existir como dinheiro, valorizar-se como dinheiro e não como mercadoria, não é um desvio, uma distorção, mas expressão da natureza do valor, enquanto riqueza abstrata.

Existem, no entanto, outras passagens em que Marx afirma a dominância necessária do capital industrial para a geração de mais-valia, mas isto de modo algum se contrapõe à afirmação de que é na sua forma monetária que o capital encontra sua expressão mais desenvolvida, dominante e sempre recorrente de existência. Vejamos.

“O capital industrial é o único modo de existência do capital em que não só a apropriação de mais-valia, ou, respectivamente, o mais-produto, mas, ao mesmo tempo, também sua criação é função do capital. Condiciona, por isso, o caráter capitalista da produção; sua existência implica a contradição entre capitalistas e trabalhadores assalariados”. (Marx, 1984, p. 43).

Em outra parte acentua que o capital monetário é uma parte do capital global que dele se separa e se autonomiza:

“Os movimentos desse capital monetário são, portanto, por sua vez, apenas movimentos de uma parte autonomizada do capital industrial empenhado em seu processo de reprodução. (...) Só quando e à medida que capital é investido de novo - o que também é o caso na acumulação - aparece capital em forma-dinheiro, como ponto de partida e final do movimento”. (Marx, 1984c, p. 237).

Se, por um lado, a citação acima realça a dominância do capital industrial, Marx também deixa claro, por outro lado, que o ciclo do capital industrial constitui apenas um momento do ciclo do capital monetário, pois: “também o capital industrial é dinheiro, que se transforma em mercadoria e, por meio da venda da mercadoria, transforma-se em mais dinheiro”. Em Marx, o ciclo do capital monetário envolve o ciclo do capital produtivo. O capital dinheiro inicia e fecha o ciclo produtivo, pois, “ao final do processo, o valor-capital encontra-se, portanto, novamente na mesma forma em que nele ingressou; pode, pois, inaugurá-lo e percorrê-lo como capital monetário. (...) Em D', o capital voltou a sua forma original D, à sua forma dinheiro; mas uma forma em que ele está realizado como capital”. (Marx, 1984b, p. 37). Ou seja, capital só se realiza na sua forma sempre acrescida de capital dinheiro.

Na produção capitalista, o “ponto de partida e ponto de chegada é o dinheiro real”, que “expressa de modo mais palpável o motivo condutor da produção capitalista - fazer dinheiro”. Prosseguindo, Marx conclui:

“O processo de produção aparece apenas como elo inevitável, como mal necessário, tendo em vista fazer dinheiro. (...) [O ciclo do capital monetário] é a mais contundente e característica forma de manifestação do ciclo do capital industrial, cuja meta e cujo motivo - valorização do valor, fazer dinheiro e acumulação são apresentados de um modo que salta aos olhos comprar para vender mais caro. (...) O ciclo do capital monetário continua sendo a expressão geral do capital industrial, ao implicar sempre a valorização do valor adiantado”. (MARX, 1984b, p. 44, 45-46).

Marx acentua, finalmente e de forma inequívoca, que a fórmula D-M...P...M'-D' encerra um engodo, um caráter ilusório que se origina da existência do valor adiantado e valorizado em sua forma dinheiro, pois:

“O acento não está na valorização do valor, mas na *forma-dinheiro* (grifo original) desse processo, em que no fim é retirado da circulação mais valor em forma-dinheiro do que originalmente lhe havia sido adiantado, portanto no aumento da massa de ouro e prata que pertence ao capitalista”. (Marx, 1984b, p. 46).

Vemos, dessa forma, que Marx, muito antes de Keynes, expressava a essência monetária da economia capitalista, uma economia cuja finalidade intrínseca não reside apenas na geração de valor e de mais-valia, mas sim na sua necessária expressão monetária ou, mais precisamente, no caráter essencialmente monetário desse processo de produção e de valorização.

5 À guisa de conclusão: dinheiro, crédito e capital fictício

Ao contrário do que faz Germer, que procura enfatizar a materialidade do dinheiro e a oposição entre os conceitos de dinheiro e dinheiro de crédito e entre dinheiro e capital⁵, penso que a validade da teoria monetária de Marx para explicar os fenômenos monetários e financeiros do capitalismo atual passa pela necessidade de explicitar a integração e complementaridade desses conceitos. Em vez de enfatizar a materialidade do dinheiro e suas diferenças em relação ao dinheiro de crédito e ao capital, urge enfatizar sua natureza imaterial e sua tendência inerente em assumir formas de dinheiro de crédito e de capital fictício⁶. Parece que Germer incorre no mesmo erro de Brunhoff, ao remeter

⁵ “Mas há uma distinção adicional, pouco enfatizada na literatura atual, que é a diferença entre o dinheiro e dinheiro de crédito, que implica que o conceito de dinheiro de crédito é irreduzível ao de dinheiro, do mesmo modo que é irreduzível a ele o conceito de capital” (Germer, 1997, p. 124).

⁶ Cabe aqui mencionar o trabalho de Caffé (1997), que procura utilizar o conceito de capital fictício para analisar a questão das inovações financeiras e dos derivativos, características marcantes das finanças atuais. Embora o mesmo não evidencie claramente a conexão entre os dois conceitos, trata-se, sem dúvida de uma sugestão promissora no sentido de vincular os conceitos monetários de Marx aos fenômenos monetários e financeiros do capitalismo atual.

a categoria dinheiro ao mundo pré-capitalista da circulação simples em oposição às categorias dinheiro de crédito e capital, categorias da economia capitalista⁷. Evidentemente que esses conceitos não são idênticos, nem que possam ser confundidos. Mas acentuar sua oposição, como faz Germer, significa remetê-los a realidades diferentes, o que não é verdade, pois que são conceitos essenciais da economia capitalista. Por isso, urge acentuar sua integração e complementaridade muito mais que sua oposição e suas diferenças.

Cumpramos acentuar que a natureza monetária da economia capitalista, na ótica de Marx, brota do fato de que a própria mercadoria possui uma natureza monetária, na medida em que é valor. Ou seja, a mercadoria é essencialmente dinheiro, forma necessária de manifestação autônoma do valor. Dinheiro, por sua vez, é essencialmente crédito, pois, por natureza envolve a fidúcia, a credibilidade, a garantia de ser forma e reserva de valor. Assim, por natureza, o dinheiro já é crédito generalizado.

No entanto, o dinheiro de crédito não se deduz logicamente da mercadoria - dinheiro, mas do dinheiro enquanto dinheiro, ou duma relação do dinheiro consigo mesmo e, mais especificamente, das suas funções de meio de pagamento e de meio de entesouramento. Ou seja, ser dinheiro de crédito é uma função do próprio dinheiro enquanto tal.

O dinheiro de crédito se origina inicialmente de uma relação privada, mas necessita de validação social, mediante os valores futuros que propicia criar. Quando isto acontece, o circuito de crédito se fecha. Do contrário, ele circula com capital fictício. Embora o sistema de crédito e o mundo das finanças se fundem sobre uma base monetária, o desenvolvimento do crédito e das finanças procuram sempre romper as limitações da sua base monetária, no sentido de romper todos os limites e barreiras materiais ao processo de valorização do valor, mesmo que para isso tenha que assumir "formas absurdas" de capital fictício.

Nesta perspectiva, o dinheiro de crédito é essencialmente capital fictício e o sistema de crédito opera como forma de expandir esse capital fictício, sem respaldo na produção e circulação de valores reais. O capital fictício se apresenta como uma antecipação de um valor futuro de realização incerta e consiste na criação de valores fictícios antes da produção e realização real de mercadorias. Ou seja, o capital fictício é uma forma assumida pelo capital-dinheiro de romper as barreiras temporárias a sua livre circulação.

Esta tendência de criar "formas fictícias" de capital é inerente à própria forma dinheiro e está relacionada com a aparição do dinheiro de crédito. O próprio crédito comercial já cria valores fictícios, na forma de letras de câmbio, que circulam como dinheiro de crédito, ou seja, o que elas fazem circular é um valor fictício. O dinheiro de crédito sempre possui um componente fictício. Quando o dinheiro de crédito se empresta como capital, tendo como garantia não valores reais, mas valores futuros incertos, então ele se converte em capital fictício.

À medida que o dinheiro de crédito se desenvolve, assumindo formas de acumulação e de valorização fictícias de capital, se apaga todo sinal do verdadeiro processo de valorização do capital e se reforça a idéia do capital como um autômata, que se valoriza a si mesmo e por sua própria virtude. O capital a juros, já dizia Marx, é a matriz

⁷ Para entender a natureza e o papel da circulação simples na exposição de Marx, fonte de tantas interpretações equivocadas, convém lembrar o que diz o próprio Marx nos *Grundrisse*: "Mas aqui não nos interessa o passo histórico da circulação ao capital. A circulação simples é muito mais uma esfera abstrata do processo burguês da produção global, que, em virtude de suas próprias determinações como um momento, se revela simplesmente como a forma de manifestar-se um processo mais profundo que se opera além dela e que é resultado da mesma, uma vez que a produz: o processo do capital industrial." (Marx, 1985b, 438).

de todas as “formas absurdas de capital”. A acumulação de dívidas aparece como acumulação real de capital. Tudo se suplica e se triplica e a acumulação de dinheiro, de riqueza financeira e de capital fictício assume uma dinâmica própria e, por vezes, independente, que ultrapassa de muito a acumulação real. O surgimento periódico das crises financeiras lembra sempre o caráter “absurdo” e contraditório desse processo.

Apesar de o processo de valorização fictícia do capital ser uma das “formas absurdas” assumidas pelo capital, ele não deve ser entendido como um desvio do processo de valorização real, mas sim como uma tentativa de antecipação do processo real. Entende-se que o capital fictício é tão importante para acumulação quanto o capital fixo e os mercados de capital fictício são vitais para o funcionamento do capitalismo, na medida que decorrem da própria natureza expansiva do valor, que busca valorizar-se de todas as formas possíveis e encontra no mundo do crédito, das finanças e do capital fictício uma maneira de superar as limitações da acumulação real. Assim, a tendência de criar “formas fictícias” de capital é inerente à própria forma dinheiro e está relacionada com a aparição do dinheiro de crédito. É assim que o entende Marx, quando afirma que:

“Tende, pois, por sua mesma natureza, a superar constantemente suas próprias limitações. (...) Enquanto riqueza, forma geral da riqueza e valor em si, o dinheiro tende, pois, a sobrepassar constantemente seus limites quantitativos, em um processo ilimitado”. (Marx, 1985b, p. 451-452).

Referências bibliográficas

- CAFFE, Ricardo. Capital fictício, inovações financeiras e derivativos : algumas observações sobre a natureza da finança globalizada. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 2., 1997, São Paulo. *Anais...* São Paulo : [s.n.], 1997. V. 1.
- CARVALHO, Fernando Cardim. A Teoria Monetária de Marx: uma interpretação pós-keynesiana. *REP*, São Paulo, v. 6, n. 4, 1986.
- DILLARD, Dudley. Teoria de uma Economia Monetária. In: KURIARA, (Org.). *Economia Pós-keynesiana*, México : Aguilar, 1954.
- GERMER, Claus. Componentes Estruturais da Teoria do Dinheiro no Capitalismo. Rio de Janeiro, *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política*, Rio de Janeiro, n. 1. 1977.
- GERMER, Claus. Economia Monetária ou Economia Capitalista? Marx e Keynes sobre a natureza do capitalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA CLÁSSICA E POLÍTICA, 1996, Niterói. *Anais...* Niterói : [s.n.]. 1996. V. 14.
- KEYNES, J. M. Ferschrift fur Arthur Spithoff. The General Theory and After. *CWJMK*, v. 13, p. 408-411 - 1933.
- MARX, Karl. O Capital, São Paulo : Abril Cultural. 1983. V. 1, t. 1.
- MARX, Karl. O Capital, São Paulo : Abril Cultural. 1984. V. 1, t. 2.
- MARX, Karl. O Capital, São Paulo : Abril Cultural. 1984b. V. 2.
- MARX, Karl. O Capital, São Paulo : Abril Cultural. 1984c. V. 3, t. 1.
- MARX, Karl. Grundrisse. México : Fundo de Cultura Econômica, 1985. V. 1.
- MARX, Karl. Grundrisse, México : Fundo de Cultura Econômica, 1985b. V. 2.
- PAULANI, Leda Maria. *Do Conceito de Dinheiro ao Dinheiro como Conceito*. 1991. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, 1991.